

TERESINA: ENTRE O MODERNO, OS COSTUMES E A TRADIÇÃO

TERESINA: BETWEEN MODERN, CUSTOMS AND TRADITION

Victor Marcelo Pires Gonçalves da Silva

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

Professor substituto do Instituto Federal do Piauí – IFPI.

E-mail: victor82marcelo@hotmail.com.

Resumo: Este artigo discorre sobre aspectos historicamente situados na cidade de Teresina entre 1852 e a primeira década do século XX. Estes aspectos simbólicos são indiciados a partir da análise de algumas obras literárias, observados significados e representações que denotam valores híbridos de uma cidade idealizada pelo tom da modernidade, contingenciados pelos costumes e tradições entendidas genericamente como sertanejas.

Palavras-chave: Teresina; Moderno; Tradição.

Abstract: This article discusses aspects historically situated in the city of Teresina between 1852 and the first decade of the 20th century. These symbolic aspects are indicated through the analysis of some literary works, observing meanings and representations that denote hybrid values of a city idealized by the tone of modernity, contingent on customs and traditions understood generically as country people.

Keywords: Teresina; Modern; Tradition.

Longe de exibir a permanência sugerida pela palavra
“tradição”, o costume era um campo para a mudança
e a disputa, uma arena na qual interesses opostos
apresentavam reivindicações conflitantes¹
(E. P. Thompson)

INTRODUÇÃO

A História exerce o papel da inferência e análise crítica do passado. A partir desse indicativo, instiga a imaginação como canal de interlocução do passado, representado em narrativas que conduzem a cenários, cujos espaços não podem mais ser frequentados, a não ser por meio do dispositivo chamado memória. Em síntese, a História narrada coopera na reconstituição de paisagens, sensações, interações sociais entre os indivíduos e destes com a natureza. Essas paisagens buscadas e percebidas por meio de símbolos, rastros humanos do passado, mexem com os sentidos e revisitam lugares e tempos intransponíveis ao nosso convívio, assim como uma imagem fotográfica, conduzindo poeticamente, ou em signos cifrados que preenchem a imaginação suprimindo muitas vezes as expressões não ditas.

São essas expressões da vida e cifras do passado que nos evoca a vislumbrar os aspectos sociais do contexto teresinense da segunda metade do século XIX à primeira década do século XX, como uma plateia à espera de um grande espetáculo. Esses signos são concebidos como representação interpretativa e análoga de algumas características sociais, capaz de romper os invólucros mais resistentes que encapsulam as emoções e sentidos fabricados pelas análises que se debruçam ou debruçaram em tempos passados teresinense.

O desafiador labor da construção da narrativa histórica impõe escolhas, costuras que darão sentido às tessituras problematizadas em torno do objeto. Essa consciência de prioridades leva a atalhos e também revela caminhos preteridos que foram silenciados, rastros simbólicos do passado não menos importantes para a decifração do complexo universo sociocultural teresinense nas décadas que seguiram o planejamento e fundação, àquele tempo do Brasil imperial, da nova capital da província do Piauí, ao alvorecer do século XX. Essas escolhas são convenientes para a construção empírica da narrativa, empregada subjetivamente na escrita histórica ao tempo em que atribuímos objetividade em busca de sentidos que se concretizam em discurso amarrado a procedimentos e métodos que operacionalizam a História. Nessa perspectiva, dá-se a reconstrução do passado por meio do olhar investigativo sobre rastros que materializam as interpelações que se insinuam ao objeto.

O afeto e a sensibilidade se constituem de formas diversas. Portanto, tudo que os seres humanos fazem é história. Tudo tem seu tempo e lugar. Vivemos em uma sociedade pragmática capitalista, todavia também arraigada de sentidos e sentimentos, afetividades e sensibilidades. Essas peculiaridades são *sui generis* da raça humana. Assim sendo, seria até mesmo incongruência desconsiderá-las em algumas interpretações da realidade, pois as práticas

1. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

cotidianas teresinenses, os costumes, os diversos discursos e seus interesses, em seu universo cultural, são entendidos por meio de atribuições de significados que, na prática, incorporam dimensões históricas. A cultura permeia toda a sociedade, é ela que diferencia o elemento “humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em sociedade.²

Os indícios que licenciam as análises e significações das sociabilidades teresinenses, na segunda metade do século XIX aos primeiros anos do século XX, permitem-se à historicidade por meio do que o historiador italiano Carlo Ginzburg chamou de paradigma indiciário³. Os rastros desse contexto teresinense atuam não só empiricamente como demonstrativos passíveis de serem analisados, como também entre as formas criativas, a Literatura, a poesia, os mitos, as crenças, a religiosidade expressada de forma flutuante ou amalgamada em performances táteis etc. Nessa confluência de fatores, está o paradigma, isto é, o modelo, indiciário. Para Ginzburg, nele a labuta do historiador é associada à de um detetive, que trabalha rastreando sinais para decifração de enigmas, enfrentando o desafio do passado com atitude dedutiva, movido pela suspeita, em busca dos rastros, vestígios, pistas, evidências que desvendem e ajudem na interpretação das incógnitas que o conduz à investigação.

Alguns desses símbolos e sinais da sociedade teresinense serão rastreados no intento da decodificação e tangencialmente apropriados como signos que contribuem não apenas para entender algumas características do passado, mas perceber como se constituíram, como se transformaram e quais aspectos de permanência, em alguma medida, esboçam-se como costumes e/ou tradição. Envolve-se nessa discussão Hobsbawm, ao sugerir a problematização da invenção das tradições como objeto de diálogo histórico, uma vez que está apinhada de símbolos conflitantes ao dizer que,

Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgem de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.⁴

A partir desses aspectos, fundamenta-se a questão levantada dos valores híbridos de uma cidade idealizada para os avanços e desprendimentos de alguns valores passados, contingenciados pelos costumes de tradições entendidas genericamente como sertanejas, associados em alguns momentos à “inércia”, ao “atraso” e como filtros reguladores que dão o tom das feições peculiares da sociedade teresinense.

2. HALL, Stuart. Cultura e representação. Org. e Rev. Téc.: Arthur Ituassu; Trad.: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Apicuri, 2016. p.21.

3. Ver GINZBURG, Carlo. «Señales: Raíces de un Paradigma Indiciario». In GARGANI, Aldo (org.) Crisis de la Razón. México, 1983.

4. HOBBSAWM, Eric J. A invenção das tradições; tradução: Celina Cardim Cavalcante. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p.7.

NEGOCIAÇÕES CULTURAIS: DESENVOLVIMENTO E O CONTINGENCIAMENTO SERTANEJO

Teresina, ao encarnar formalidades e status de capital da província, progressivamente, mas em ritmo paulatino e lento, afasta-se de características comumente percebidas e/ou atribuídas a lugares mais isolados em relação aos centros econômicos mais dinâmicos. As relações sociais de um novo modelo de sociedade espelhavam-se nos centros administrativos, culturais e financeiros do país. Contudo, por razões diversas, principalmente as de frágil autossuficiência, vontade política, dependência dos investimentos federais, acostumou-se a vestir a indumentária da passividade, da humildade, do provincianismo, que lhe eram próprios da precária situação financeira da região. Isso se desdobra em valores e costumes analisados a partir de leituras críticas sobre o cenário teresinense da segunda metade do século XIX aos primeiros anos do século XX.

Algumas dessas características, notadamente, estiveram relacionadas ao atraso, às amarras sertanejas, apresentados ao olhar crítico contemporâneo de alguns literatos, que estiveram ligados às relações políticas e institucionais da cidade. Além disso, alguns desses valores e costumes, símbolos do passado de aparência inerte, são apropriados como fórmula de tradições em uma sociedade que busca constantemente o moderno⁵ e necessita de identificações.

Essa peculiaridade da recém-nascida capital planejada e sonhada para o progresso encontrou entraves e dinâmicas singulares de comportamento que, por hora, assemelha-se aos estereótipos analisados pejorativamente como “carcomidos”, “retrógrados”, “incivilizados”. Em outra via, uma busca constante da grandeza, das transformações ligadas ao desenvolvimento, dos avanços urbanos da cidade grande, que na prática limitavam-se ao imaginário, de sorte que ressoavam de maneira híbrida em alguns costumes de determinados grupos da sociedade. Esses tipos urbanos que se contrapõem às tradições rurais entram em choque constantemente nas sociabilidades de Teresina, como sinais que desvalorizam progressivamente o cotidiano rural, provinciano, em valorização dos aspectos modernos do meio urbano.

As constantes transformações ocorridas na cidade, na busca incessante pelo moderno,

5. Compreendemos o moderno sob a égide dos conceitos de Marshall Berman. Em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, o autor concebe o modernismo como qualquer tentativa feita por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos, mas também sujeitos da modernização, de aprenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele. Trata-se de uma concepção de modernismo mais ampla e mais inclusiva. Ela implica uma visão aberta e abrangente da cultura; é muito diferente da abordagem museológica que subdivide a atividade humana em fragmentos e os enquadra em casos separados, rotulados em termos de tempo, lugar, idioma, gênero e disciplina acadêmica. Ele cria condições para o estabelecimento de um diálogo entre o passado, o presente e o futuro. Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essa força, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventuras, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade; tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.11-22.

discurso característico fundamentador da própria razão do planejamento arquitetado da nova capital, talvez em alguma medida expliquem uma cultura fragilizada de preservação do Patrimônio Cultural e valorização das tradições teresinenses. Embora tenha havido, ainda que limitadas por razões de ordem econômica, políticas públicas formais em busca do passado identificador do estado do Piauí e da capital, sobretudo a partir dos anos 1950⁶. Essas políticas visavam o incentivo da construção, por meio da narrativa histórica, da firmação identitária e autoestima do seu povo, criar vínculos a partir de um passado comum, todavia obter subsídios e fórmulas técnicas progressistas para identificar no passado as razões do “atraso” e buscar soluções rumo ao desenvolvimento econômico. A atuação intelectual nessas narrativas, segundo Teresinha Queiroz,

[...] constroem uma interlocução que parece trazer como pontos comuns principalmente o corpus documental sobre o qual se constroem, algumas dimensões acerca do papel do Estado e de sua função interventora sobre os destinos do Piauí, uma utopia de desenvolvimento que é então bastante generalizada e não apenas no Piauí e no Brasil, além de uma perspectiva que se preserva desde os séculos anteriores na tradição escrita ocidental, acerca da responsabilidade do historiador e da eficácia interventora da escrita.⁷

Essa utopia desenvolvimentista acaba por incorporar paradigmas, horizontes que não foram alcançados em sua plenitude, como foram intencionados, mas que, em suas ações, em alguma medida, paradoxalmente, romperam transgressões aparentemente inertes ou de resistência às transformações modernizadoras como as espelhadas de outras regiões. Para Berman, ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao seu redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.⁸

Nota-se que, embora com pouca cultura de preservação, com aspectos agudos de fácil identificação, historicamente estão relacionados a fatores políticos, econômicos, culturais, refletidos nos rastros simbólicos do cotidiano em Teresina. Muitos desses rastros esboçam-se nos costumes que em alguns casos se transformam; em outros, extinguem-se. Nesse caso, é oportuno citar Hobsbawm quando diz que o “costume” não pode se dar ao luxo de ser

6. Ver os estudos da historiadora Iara Guerra que analisa as obras historiográficas produzidas e divulgadas pelas instituições político-culturais de Teresina-PI entre os anos 1950 a 1980, discursos que apresentam um itinerário em comum em torno da construção e legitimação da imagem do Estado do Piauí como uma região que buscava seu desenvolvimento socioeconômico e cultural, sobretudo por ocasião das comemorações do centenário da cidade ocorrida nos anos 1950, visando sua integração nacional. Preocupação que segundo a autora, crescia na medida em que a sociedade piauiense se deparava com pequena quantidade de obras historiográficas sobre o Piauí, isto é, com a deficiência de uma memória arquivista, de papel, que fosse capaz de fazer frente ao trabalho de esquecimento da sociedade em relação ao passado piauiense. MOURA, Iara Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre a escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015. p. 293.

7. QUEIROZ, Teresinha. R. N. Monteiro de Santana e a historiografia econômica do Piauí. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL. MEMÓRIA, ENSINO E BENS CULTURAIS. Anais... Teresina, 2008. ISSN: 1983-3385. p.2.

8. BERMAN, op. cit., p.24.

invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. O direito comum ou consuetudinário ainda exhibe essa combinação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. Nesse aspecto, aliás, a diferença entre “tradição” e “costume” fica bem clara. A decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado.⁹

REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA: SIGNIFICAÇÕES SIMBÓLICAS E PERFORMANCES CULTURAIS

Por ocasião das homenagens ao centenário de Teresina na década de 1950, o poeta, jornalista e dramaturgo João Ferry¹⁰ (1895-1962) publicou o livro intitulado *Chapada do Corisco*. Ferry foi testemunho ocular dos burburinhos cotidianos, intérprete sensível de aspectos aqui apropriados, de valor inestimável para se compreender os sentidos e problemáticas já abordados em âmbito macro históricos, que outrora desprezavam tais figurações da realidade. Alguns desses aspectos da cidade de Teresina da passagem do século XIX para o XX são descritos em verso e prosa. O próprio Ferry revelou que focaliza a cidade como a conheceu nos seus tempos de menino, desde julho de 1907, quando chegou para residir na capital, aos seus 12 anos de idade. Segundo Orlando C. Rollo,

A vida boêmia cujos atrativos efêmeros tanto se familiarizam com os anseios das almas emotivas e que atraem para si, num braço voluptuoso, aqueles em quem as divagações do espírito incoercível superam as próprias necessidades materiais, exercem sobre a alma do poeta o extremo do seu fascínio docemente escravizador. [...] trazendo até as altas esferas sociais, ao par da interpretação viva e eloquente do mundanismo, o reflexo musicado do burburinho da vida piauiense, dessa existência real que os progressos de fachada procuram interpretar e esconder. [...] De Teresina ele lembrou as lendas do passado. Essa geração que começa a encanecer que a lenda afirma existia pelas ruas da nossa capital, aí por volta de 1900. O poeta vive integralmente nas linhas dessas poesias.¹¹

9. HOBBSAWM, op.cit., p.9.

10. João Francisco Ferry, foi jornalista, poeta e dramaturgo, nasceu em 16 de abril de 1895, em Valença do Piauí. Filho do professor José Francisco Ferreira da Silva e de Dona Maria Constança da Silva. Teve apenas instrução primária, constante das 4 operações fundamentais e dos 3 primeiros livros de leitura de Felisberto de Carvalho, que lhe foi ministrada por seu pai no antigo Colégio São José, de sua terra natal. Com essa bagagem iniciou-se no comércio aos 12 anos de idade, em 1907, começando como caixeiro da antiga Tabacaria e Cervejaria Pery, de Leônidas Nogueira, tendo trabalhado sucessivamente como guarda-livros, nas principais firmas do comércio piauiense. Fundou e foi redator na mocidade o jornal crítico literário “O Lérido” em Teresina e em Floriano e um dos fundadores do jornal “Cidade de Floriano”. Patrono da Cadeira 38 da Academia Piauiense de Letras e membro da Associação Profissional dos Jornalistas e do Cenáculo Piauiense de Letras, João Ferry morreu em Teresina no dia 22 de setembro de 1962. Com menos de vinte anos publicou a obra “Princípios”, junto com Luís Paixão Oliveira, em 1914. Depois, vieram “Os Meus Sonetos”, em 1916; “Em Busca da Luz”, em 1922, em prosa; “Cabeção”, em 1937, e seu clássico “Chapada do Corisco”, em 1952, em homenagem ao centenário da cidade de Teresina.

11. Transcrito de “O Piauí”, Teresina, 24 de jan. 1952. In: FERRY, João. *Chapada do Corisco*. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de letras, 2016, p.20.

Em sua crônica, em referência à obra de Ferry, Orlando revela o esforço do que ele intitula de “progresso de fachada”, para a manutenção de uma aparência artificial moderna da cidade de Teresina, quando os aspectos cotidianos das experiências populares, que ele chama de “existência real”, são eternizados e versados pelo poeta, representando a sua própria vivência, o imaginário e sociabilidade, penetrando na “alma popular” da cidade de Teresina por volta de 1900. Nesse mesmo sentido, Fabrício de Arêa reitera, em prefácio, dizendo que:

Nas páginas de “Chapada do Corisco” desfilam numa interminável profusão de cores, de paisagens e de ritmos, as imagens sucessivas de personagens vários, tipos exóticos, bizarros e até de duendes e fantasmas que se movimentam, falam e predizem coisas e acontecimentos.¹²

Ao que parece, a Teresina sentida e representada por esses letrados esboçam não integralmente o real acontecido, pois, como já problematizado, essas tramas e imaginários conferidos à cidade vão além do que é de fato vivido por parcela da sociedade. Existem aspectos múltiplos e complexos que envolvem a representação e os sentidos empregados a uma determinada sociedade. Nesses termos, o próprio imaginário do moderno toma nova configuração quando é apropriado e vice-versa em disposição híbrida a aspectos populares de permanência em oposição aos imperativos discursos institucionais em busca da modernidade. Alguns desses aspectos singulares, nostálgicos de identificação, mexem e incitam os sentidos e a afetividade, como se nota na representação dada à Teresina, pelo olhar descritivo, fotográfico e metafórico de João Ferry.

CHAPADA DO CORISCO

Chapada do Corisco, eu te saúdo,
Por seres hoje a linda Teresina,
Mas confesso, contido eu não me iludo
Com o teu porte soberbo de granfina.

Chapada do Corisco, eu te queria,
Era sem preconceitos, mesmo nua,
Como nos tempos que eu te percorria
Tocando alegres buscapés na rua.

Lembro o “bumba meu boi” e as “Pastorinhas”,
Moleques cada qual o mais contuba,
Com seus filhóis de milho, com as broinhas,
Bejus de coco e mauês de puba.

E os banhos do Pau d'água, nas coroas
Do rio Parnaíba, aos domingos,

12. FERRY, João. *Chapada do Corisco*. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de letras, 2016, p.22.

E as moças no salão cantando loas,
Ao som do violão, com choramingos.

Como é bom relembrar os teus entrudos,
Cabacinhas de cheiro... e os repuxos
Que molhavam pequenos e graúdos
Em doce bacanal de estranhos luxos.

E o marco da cidade, lá na praça
Deodoro, tão sozinho e abandonado,
“Cidade Verde”, destruiu-lhe a graça,
Levando o companheiro do passado.

Era um velho coreto, onde eu menino,
Trepava pelas grades, que delícia,
Para escutar de perto o som de um hino,
Das retretas da banda da Polícia.

E enchendo o adro de São Benedito,
Cantando alegre, rodeando a igreja,
Eu via o povo desferindo um grito,
Um canto dalma que inda hoje arqueja

Desprezando o calor das suas camas,
Às sextas-feiras santas, às horas mudas,
Rapazes enfeitavam as mamoramas
Com o furto alegre de risonhos Judas.

E os sinos bimbando pelas tendas,
Pelos clarões do dia e da Aleluia,
Fazia a gente se esquecer das lendas:
A “Não se pode” e o “Cabeça de Cuia”.

Saraus da Palmeirinha e Barrocão
E as surpresas de um lindo aniversário,
Tinham tanto valor como o florão
Dos festejos reais de um centenário.

Nas noites de São João, quantos folguedos,
Quantos sonhos de amor, quantas orgias,
Quantos beijos trocados em segredos
Entre fogos de galas e alegrias.

Mamoreiros, patis e bananeiras,
Enfeitavam as ruas da cidade,
Em redor de milhares de fogueiras
Promotoras de juras e amizades.

E o céu todo coberto de balões
E foguetes subindo pelos ares...
Os minguados e pobres lampiões
Morriam de tristezas e pesares.

Chapada do Corisco, que saudade,
Dos tempos idos de ilusões perdidas,
Cantemos os presentes, que a cidade
Hoje freme de glórias merecidas.

Nas noites de luar flautas gemiam
Com violões e mocinhas langorosas,
Serenatas de amor em que fulgiam
As teias vivas de ilusões formosas.

Os garotos enchiam de repente
O céu de papagaios de papel,
Quando maio chegava sorridente
Com o perfume de flores e granel.

Às cinco da manhã, a Fiação,
Com seus apitos acordava o povo
E as “pipiras” cantando uma canção
Passavam aos bandos, de vestido novo.

No Mercado estudantes em assuadas
Tomavam do café da Serafina,
Comiam peixe frito e paneladas
E as gostosas rabadas da Jovina.

No Poti Velho, as boas pescarias
Com alegres piqueniques adoráveis,
Tiveram seus fulgores e os seus dias,
De faustos e prazeres memoráveis.

Nesses dias, felizes namorados
Em constante algazarra e borborinhos,
Invadiam as quintas e os cercados
Como um bando de alegres passarinhos.

E voltavam com cachos de tucuns,
Bacoparis, pitombas e goiabas,
Araçás, cajuís e araticuns
E as gostosas e doces gabirabas.¹³

13. FERRY, op.cit., p.31-34.

Alguns aspectos, sentimentos, paisagens, lugares que são descritos e esmiuçados pelo poeta são comuns às pessoas que se sociabilizam no espaço e temporalidade dessa Teresina do passado. Talvez algumas expressões e vocábulos utilizados por Ferry só façam sentido aos interlocutores mais distantes ao universo sociocultural teresinense se forem devidamente contextualizados e analisados, situados em seu tempo e lugar.

É possível, no entanto, envolver-se em sentidos, nas relações com o meio, sociabilidades, paisagens, sabores, odores, memórias afetivas do autor remetendo a símbolos e significações passadas, que em alguns casos permanecem como costumes teresinenses; em outros, ressignificaram-se, e em outros perderam sua função prática cotidiana, mas foram agregados, por sua vez, como valores de tradição que remetem a um certo tempo do passado.

Nos primeiros versos, Ferry demonstra a sua ligação afetiva com a cidade e sutilmente critica seu “porte soberbo de granfina”, ou seja, a necessidade de se mostrar moderna, em padrões burgueses de desenvolvimento, ao tempo em que, para ele, sua essência encontrava-se nos hábitos anônimos e simples praticados e sentidos pelos que transitavam e atuavam na cidade, descritos versados por ele.

Conta do hábito de criança de empinar papagaio (pipa, rabiola) de papel, quando soltava buscapés (peça de fogo de artifício que ocorre no chão, zigue-zagueando, e termina em um estampido) pelas ruas, da interação com manifestações populares como “O bumba meu boi”, receitas tradicionais, como filhóis de milho, broinhas, beijus de coco, feito com farinha de macaxeira e coco, e mauês de puba. Em muitas regiões do Norte e no Nordeste do Brasil, a macaxeira (mandioca ou aipim), rica em amido e sais minerais, é uma das principais fontes de subsistência. Planta que cresce fácil, resistente a pragas e doenças, e que se adapta bem ao clima quente e úmido, a mandioca é utilizada em grande variedade de receitas, entre as quais, o manuê, bolo de aparência gelatinosa e o beiju,¹⁴ feito em frigideira ou em fornadas. A etimologia da expressão “beiju” e “biju” tem origem no termo tupi *mbe’yu*.¹⁵

Ferry ainda destaca as cantigas, a relação antropológica com os rios Parnaíba e Poti. Teresina por ser a única capital nordestina que não tem saída para oceano Atlântico, e ainda com poucas opções de lazer, nesse contexto o rio proporcionava uma experiência recreativa, de socialização dos agentes da cidade, estabelecendo vínculos afetivos vividos e representados como valor identificador, denotados também no próprio hino da cidade.

Ainda sobre os versos de Ferry, debulha as manifestações populares e festas com sentido religioso no adro da Igreja São Benedito, os festejos de folguedos do mês de junho, quando o sagrado é apropriado digerindo práticas profanadas pelas necessidades festivas de celebrações cotidianas. O hábito de malhar o Judas, pendurado em árvores nativas. As superstições e lendas como “Num-se-pode” e “Cabeça de Cuia”. Os encontros e bate-papos nas esquinas e largos da cidade, como o “Barroão”. A iluminação desvanecida dos lampiões, pois não havia energia elétrica na cidade e só seria introduzida lentamente a partir dos anos 1910. O costume de tomar

14. Em algumas regiões do país conhece-se o beju por tapioca.

15. FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986, p.245.

café, comer peixe frito e panelada¹⁶ no Mercado São José, popularmente conhecido como Mercado Velho, construído nos anos 1860, localizado próximo às margens do rio Parnaíba e na divisa com a cidade de Timon, vizinha cidade do Maranhão. Também diz dos aromas e sabores de algumas frutas apreciadas no seu tempo de infância em Teresina: tucuns, bacuparis, pitombas, goiabas, araçás, cajuís, araticuns e gabirabas.

Ferry finaliza os versos de *Chapada do Corisco* em espírito nostálgico de lembranças pretéritas, que, segundo o autor, transformara-se, rumo a um cenário modernizador, desfigurando o que ele julga como essencial para a constituição das suas memórias de pertencimento, quando diz:

Outros costumes tu possuis, agora,
Tens estátuas, cinemas, tens barulhos,
Adeus, minha Chapada, vou-me embora
Que meus sonhos de outrora são entulhos.

Adeus minha Chapada do Corisco,
Do “Maromba” e da meninice,
Adeus, minha saudade, meu petisco,
Meu sonho, minha flor, minha meiguice.

Para louvar-te já meu estro é pouco;
Se eu pudesse faria uma retreta
Mas nos falta a viola e o Pedro Mouco,
O Transformista e a velha Casa Preta.

Chapada do Corisco que saudade,
Dos tempos idos de ilusões perdidas;
Cantemos o presente que a cidade
Hoje freme de glórias merecidas.

Chapada do Corisco, Teresina,
“Cidade Verde”, “Cruz do meu rosário”,
Aos teus pés a minha alma pequenina,
Saúda com prazer teu centenário.¹⁷

“Os entulhos” são lembranças passadas de João Ferry, buscadas a fim de deleitar identificações perdidas no passado, arquivadas seletivamente em sua memória que o próprio autor a celebra em tom de despedida. Essa mobilização da memória, a serviço da busca, da

16. feito com bucho e tripas de boi, cebola, alho, tomate, cheiro verde, pimentão, sal, pimenta do reino, folha de louro, corante e óleo. Modo de preparo: em um recipiente com a panelada já limpa e escaldada, adicione limão para tirar qualquer tipo de odor. Depois, coloque um pouco de corante, alho, cebola, pimentão, sal e pimenta do reino e misture bem e deixe descansar o pouco. Leve a panelada ao fogão para refogar com o restante dos ingredientes. Misture bem e adicione água até cobrir toda a panelada. Coloque a folha de louro para dar o aroma especial. Depois de ferver, deixe agir na pressão por quarenta minutos. Servido comumente em prato fundo.

17. FERRY, op.cit., p.34.

demanda, da reivindicação de identidade, Paul Ricoeur considera problemático. Segundo Ricoeur, a fragilidade da identidade consiste na pretensão de dar a receita da identidade proclamada e reclamada.¹⁸ Todavia, Ferry, ao discorrer sobre “os tempos idos de ilusões perdidas”, propõe solenemente a exaltação do presente de “glórias merecidas”. Esses rituais constantes de transformação notados em Teresina, de tradições inventadas, quando na própria análise de Ferry, houve uma transformação rápida da sociedade, que debilita ou destrói os padrões sociais em que as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões (“cinemas, barulhos”) com os quais essas tradições são incompatíveis. Nesse caso, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.¹⁹

Não era muito variado o repertório de atrativos de diversão na pacata capital do Piauí em suas primeiras décadas de existência. Ao que tudo indica, as datas cívicas, as comemorações religiosas, alguns eventos particulares, espaços de sociabilidades em bares e botequins, e festas nas periferias eram um bom pretexto de confraternização e entretenimento entre os viventes da cidade. Em sequência, considera-se as impressões de Francisco Iglésias, tomando nota das suas memórias do tempo de sua passagem por Teresina no início do século XX.

Quanto a diversões, Teresina era de uma pobreza monacal: só existia o “Teatro 4 de Setembro”, na praça “Aquidaban”, quase sempre fechado. Nele, às vezes, havia sessões cinematográficas e variedades. [...]

Aos domingos, até às 21 horas havia concerto sinfônico no jardim atrás da Igreja do Amparo, pela Banda de música da Força Policial. Eram reuniões agradáveis, tendo-se oportunidade de encontrar pessoas conhecidas e amigas. As moças, dentre as quais se destacavam lindos tipos morenos, de olhos negros e profundos, davam a nota encantadora da reunião. Às 21 horas, a Banda de Música, terminado o programa, saía em marcha tocando um dobrado militar. Era um verdadeiro toque de recolher: toda a gente se retirava do jardim, como se ele fosse invadido por um enxame de vespas. Por quê? Não sei, nem posso compreender. Numa terra onde não havia divertimentos, creio que a sociedade deveria aproveitar, o mais possível, essas reuniões ao ar livre, salutaras ao corpo e ao espírito.²⁰

Nota-se que Teresina, embora configurasse status de centro administrativo e político do Piauí, também idealizada como propulsora do dinamismo econômico da região, ainda em princípios do século XX, distanciava-se dos cenários urbanos dos centros econômicos mais dinâmicos do país, podendo-se dizer que, de cenário oposto a essa realidade, eram notados burburinhos e sentidos nostálgicos, convidativos de hospitalidade sossegada, típica das pequenas cidades do sertão brasileiro em anos finais do século XIX e início do século XX. A seguir, notam-se alguns desses aspectos em minúcias indiciadas por Abdias.

18. Ver RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.94.

19. HOBSBAWM, op.cit., p.12.

20. IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e Chapadões*. 3.ed. – Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. p.49-51.

As casas alvadias, alinhadas, semelhantes tinham a aparência maravilhosa de monumentos talhados em blocos de mármore. E, olhada a distância, a cidade surgia da sombra dos arvoredos tão bonita, regular e bem feita, qual se um aquarelista a criara para um concurso de panoramas.

A leste e ao sul, a igreja de São Benedito e a das Dores erguiam as torres escuras e silenciosas, como velhas ameias abandonadas de fortalezas em ruína. Ao poente, a matriz zumbia fortemente iluminada como para uma festa pagã de vinhos e mulheres.

Aqui e ali estavam lojas abertas e caixeiros derreados nos balcões, sem fazer nada, à espera do toque libertador das nove horas. Poderiam então, ir tomar parte, também nas festas. Não nas do culto, que terminavam a essa hora, com a retirada da música da Polícia, mas nas festas profanas dos botequins, onde a graça das prostitutas em moda cintilava até o amanhecer, na desenvoltura e nos entusiasmos de uma embriaguez sem fim.²¹

No romance *Um manicaca*, Abdias Neves consegue cristalizar práticas do cotidiano teresinense, algumas delas por ele reprovável, dignas de críticas e revisão social por meio de uma nova concepção dos espaços sociais, indicando discrepâncias, apontando para padrões mais civilizados de comportamentos. Além disso, denuncia o que ele entende por inconveniências percebidas nas relações das tramas sociais. Registrou a moda dos fins do século XIX e início do século XX: as gírias, as danças, as músicas, as festas religiosas, as brincadeiras, o bastão²², a flor na lapela, o leque, o chambre, perneiras²³, o cabelo à escovinha, o paletó e os bailes palacianos. Alguns lugares como praças, ruas, o teatro, hospital, o rio, a igreja, cemitério e ainda destacou os tipos: o retirante, o caixeiro, o acendedor de lampiões, o cangueiro d'água, alguns hábitos como o torrado²⁴, as cartas anônimas, a vida noturna dos homens nos botequins e os pipirais²⁵. Vejamos o que diz nessa outra passagem:

Até muito tarde ouvia-se o estrondo das rolhas saltando – para desespero de um vizinho que as contava cuidadosamente. E a cidade inteira, a cidade feminina, revoltava-se contra o escândalo, muitas vezes impotente para evitar que os maridos se fossem embriagar nas delícias tentadoras do fruto proibido.²⁶

As comemorações cívicas eram pretexto para grande mobilização popular. O 25 de março, aniversário da Constituição Imperial, o 2 de dezembro, dia do aniversário do imperador D. Pedro II, o 7 de setembro, festa da Independência, também era uma atração à parte, festa cívica imbuída de intenções de construção da identidade nacional, sobretudo ao longo da

21. NEVES, Abdias. *Um Manicaca*. Teresina: Fundação Quixote, 2010. p.8-9.

22. Na época, acessório indispensável à elegância masculina, a bengala.

23. Peças de couro que envolvem a perna do vaqueiro para protegê-la.

24. O mesmo que tabaco em pó, rapé.

25. Bailes de pipiras. Em Teresina, pipira era a mulher empregada na fábrica de tecidos existente na cidade, - indústria desaparecida. Moça namorada.

26. NEVES, op.cit., p.9.

segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX. Em Teresina, ainda em tempos do Brasil Império, a representação da data como um lugar de memória de celebração do poder autônomo constituído pela monarquia povoava o imaginário social revisitando o passado “glorioso”, em que D. Pedro I ganhava representação de “herói”. Sobre essa festa, Chaves descreve com detalhes a seguir:

A festa da Independência constava de parada militar pela manhã e grande passeata cívica, à noite, percorrendo quase todas as ruas da cidade; nela se faziam representar todas as classes sociais. O povo, precedido da banda dos Educandos, marchava em colunas, ao espocar de foguetes e vivas ao Brasil, a S. M. o Imperador e ao Piauí.²⁷

Nas festas que se originavam entre os grupos sociais menos aquinhoados, ganhavam expressão os batuques aos sábados de frequência assídua dos afrodescendentes, sobretudo os escravos que se somavam em quase 2 mil naquela época, muitos contribuíram para a construção dos primeiros edifícios da cidade. Nos subúrbios, ainda se organizavam forrós, sambas e danças de São Gonçalo.

Entre as festas populares, também se podem destacar as de São João e o Carnaval, que ganha mais expressividade a partir dos anos 1860. A tradição das festas de São João foi trazida para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial. Em Teresina, assim como em outras localidades da área que compreende a atual jurisdição nordestina, as festas incorporadas pelo colonizador ganharam características próprias de notáveis performances. O mês de junho é o momento de se fazer homenagens aos três santos católicos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Como é uma região em que predomina um longo período de estiagem, os teresinenses apropriaram e ressignificaram o sentido religioso, que também era atribuído às condições do clima que interferiam diretamente na agricultura. Então, o mês de junho também era tempo de celebrar o beneficiamento das boas colheitas, após o período chuvoso entre os meses de janeiro e maio. Isso motivava entre os populares o costume de festejar, manifestando simbologias tradicionalmente incorporadas à cultura teresinense. Nesse aspecto, Abdias, em seu romance de época, esquadrinha essa festa de expressão popular na cidade:

Teresina transformava-se para os festejos a São João. Véspera do dia. Linha extensa de patis (espécie de palmeiras usadas em ornamentação) e crepitantes fogueiras dividia as ruas ao meio. Abriam-se todas as casas numa festiva e gárrula movimentação interna. Vez em quando, sombras imensas agitavam-se os clarões verdes, azuis, vermelhos, amarelos dos fogos-de-bengala irrompiam pelas janelas, diluindo-se fora. Busca-pés estrondeavam na rua. Espadas subiam traçando no céu enlutarado tênues faixas de ouro cintilante. (grifo nosso)²⁸

Outro atrativo, lugar de sociabilidade, primeira casa de arte cênica a funcionar na

27. CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013. p.31.

28. NEVES, op.cit., p.53.

capital foi o Teatro Nacional de Santa Teresa, fundado em 1858, porém o espaço limitava-se a poucas apresentações e com preços de entrada altos para os padrões econômicos da cidade, limitando o acesso desse entretenimento a um grupo reduzido e bem específico das camadas sociais mais abastadas, e mesmo assim, em suas adjacências, amontoavam-se populares em um ambiente de festiva interação, como descreve Chaves:

Era de ver a animação que reinava nas adjacências do teatro nas noites de espetáculo: música, muita luz, grupos indo e vindo em palestras animadas pelo leito da rua. Na praça, centenas de tabuleiros de doces e bolos, com a clássica lamparina a alumiar a mercadoria, constituíam um agradável derivativo para os espectadores nos longos intervalos das cenas.²⁹

Esse espaço fora sucedido por outras duas casas de espetáculo até os anos finais do século XIX, o “Concórdia”, fundado em 1879 e o “Theatro 4 de Setembro”, que teve sua edificação concluída em 1894. Este último foi palco da primeira exibição de cinema em Teresina, em 29 de maio de 1901. Observe o que diz Monsenhor Chaves a respeito desse empreendimento que agregou ao longo do século XX e XXI valor histórico e de patrimônio da evolução urbana na cidade de Teresina.

Por volta de 1888, a imprensa começou a bater-se pela construção de um novo teatro. O “Concórdia” já não estava mais à altura da cidade. Esta campanha foi aliciando prosélitos até que, amadurecida a ideia, no dia 4 de setembro de 1889 “uma comissão de senhoras de nossa melhor sociedade dirigiu-se, pelas 7 horas da noite, ao palácio do governo, acompanhadas de muitos cavalheiros, a solicitar de S. Excia. O Sr. presidente da Província a providente medida da construção de um teatro nesta capital pela verba – *socorros público*. S. Excia. o Sr. Teófilo dos Santos, previamente avisado do que ia suceder, preparou-se para receber condignamente a luzida e formosa comissão, iluminando o seu palácio, que gentilmente pôs à disposição do bando precatório o qual estava vistosamente ornado.³⁰

Esses atributos de ordem política, econômica e social, emaranhados em um complexo cultural, devem ser examinados, segundo Thompson, com mais cuidado, os ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.³¹ Por isso, faz-se necessário auscultarmos a constituição do contexto histórico da formação da cidade de Teresina, os significados e representações desses eventos, os aspectos de sociabilidade, as questões de ordem política e econômica, em suma, os signos indiciados nos costumes.

29. CHAVES, op.cit., p.48.

30. CHAVES, op.cit., p.49.

31. THOMPSON, op.cit., p.22.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao visitar o passado teresinense por meio da memória e dos rastros simbólicos das performances sociais, indiciados por meio da análise das representações de alguns de seus contemporâneos, o imaginário de construção coletiva identificadores remete-se a lembranças sertanejas, plácidas, de simplicidade rústica, de traços curraleiros, mesmo que desde a origem da cidade tenha havido transformações constantes em busca das idealizações projetadas a partir da modernidade. Nesse aspecto, os sentidos nostálgicos em sinais de resistência acabam enviesando para cenários cotidianos simples e peculiar, substanciando-se em práticas antagônicas ao estilo de vida extravagante, consumista, individualista, da ostentação material burguesa, tidos como referenciais de padronização social do dinamismo moderno, comumente notados nos grandes centros urbanos das sociedades industriais já em fins do século XIX.

Em alguma medida, os signos emaranhados no cotidiano teresinense da segunda metade do século XIX ao alvorecer do século XX, explica e oferece indícios, manifestando simbologias constituidoras das identidades, local em feitiço híbrido. Se, por um lado, configura-se como uma sociedade que busca constantemente o desenvolvimento e atributos dignos da condição de capital da província e mais tarde do estado do Piauí, continuamente voltado para o imaginário transformador da modernidade; por outro, essa dinâmica de transformação é contingenciada e negociada não apenas pela posição geográfica interiorana em relação à costa litorânea do país, mas pelos costumes relacionados genericamente às tradições percebidas como sertanejas.

Grosso modo, Teresina configura aspectos de sociabilidades urbanas que se distinguem e vão gradativamente afastando-se do cenário rural e, por isso, materializa-se como espaço de convivência urbano, todavia preserva hábitos cotidianos que enfrentam essa realidade de forma negociada, apresentando costumes e alguns valores coletivos que vão se dissipando e tornando-se cada vez menos frequentes nos grandes centros urbanos do Brasil, ainda em fins do século XIX. Nessa perspectiva, a cidade se constitui como um significativo elemento na composição dinâmica da sociedade. Nela, manifestam-se simbologias culturais, as relações de poder, a organização produtiva, bem como as práticas anônimas de populares que, em coletividade, na relação com o outro, expressam performances que resultam nos costumes comunitários.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*; tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

- FERRY, João. *Chapada do Corisco*. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de letras, 2016.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Org. e Rev. Téc.: Arthur Ituassu; Trad.: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HOBBSAWM, Eric J. *A invenção das tradições*; tradução: Celina Cardim Cavalcante. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e Chapadões*. 3.ed. – Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.
- MOURA, Iara Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre a escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015.
- NEVES, Abdias. *Um Manicaca*. Teresina: Fundação Quixote, 2010.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GINZBURG, Carlo. «Señales: Raíces de un Paradigma Indiciario». In GARGANI, Aldo (org.) *Crisis de la Razón*. México, 1983.
- QUEIROZ, Teresinha. R. N. Monteiro de Santana e a historiografia econômica do Piauí. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL. MEMÓRIA, ENSINO E BENS CULTURAIS. Anais... Teresina, 2008. ISSN: 1983-3385.